

OS DESAFIOS DE PEQUENOS PRODUTORES DE ORGÂNICOS NO MERCADO KINJO YAMATO DE SÃO PAULO

Henrique Ianaze¹,
Paulo Donizetti Ianone²,
Rafael Reckziegel de Lucena³

RESUMO: Existe no mundo atualmente, uma preocupação com as questões de preservação ambiental. Neste contexto, a agricultura é fundamental para entender como a necessidade de alimentos pode afetar o meio ambiente, mudanças culturais e impulsionar novas tecnologias. Na metade do século XX, visando resolver os problemas de abastecimento de alimentos foi desenvolvido o pacote tecnológico para agricultura, que promoveu um impulso na produtividade agrícola, mas também gerou preocupações ambientais e ecológicas. Por outro lado, a agricultura orgânica é vista como uma forma alternativa de produção de alimentos, mais sustentável, mas sofre com a falta de incentivos governamentais e da concorrência do agronegócio. Com essa motivação, este estudo tem como objeto de análise um grupo de pequenos produtores de orgânicos presentes no Mercado Kinjo Yamato no centro da capital paulista. O objetivo do estudo foi compreender suas rotinas e desafios de sobrevivência. Para o desenvolvimento, optou-se pela pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. Ao final registra-se a importância de compreender a realidade destes pequenos produtores para a promover um ciclo de produção, do campo até a mesa do consumidor, mais sustentável.

Palavras chave: Produtores de alimentos orgânicos. Agricultura sustentável. Pacote tecnológico na agricultura.

¹ Formado em gastronomia pelo senac Campos do Jordão e pós-graduado em cozinha brasileira. Trabalha com a pesquisa de cafés especiais do Brasil desde 2015 e atualmente fundou a primeira microtorrefação de café especial em Campo Grande (MS), Ramita Cafés.

² Graduado em Gastronomia pela Universidade Cruzeiro do Sul e Pós graduado em Cozinha Brasileira pelo Senac. Monitoria nas áreas Garde Manger, Confeitaria e Cozinha brasileira. Empresário, empresa MVC Consulting, Auditoria e Consultoria Ltda.

³ Me. em Ciências Sociais pela PUC-RS; Pós graduado em Cozinha Brasileira pelo SENAC-SP; Adm. Empresas pela UFRGS; Graduando em Gastronomia pela Cruzeiro do Sul – SP; Colaborador do Instituto Ybá.

THE CHALLENGES OF SMALL ORGANIC PRODUCERS IN THE KINJO YAMATO MARKET IN SÃO PAULO

Henrique Ianaze,
Paulo Donizetti Ianone,
Rafael Reckziegel de Lucena

ABSTRACT: There is a concern in the world today with sustainability issues, particularly regarding to environmental preservation. In this context, agriculture is key to understanding how the need for food can affect the environment, cultural changes and drive new technologies. In the middle of the 20th century, in order to solve the problems of food supply, the technological package for agriculture was developed, which promoted a boost in agricultural productivity, but also environmental and ecological problems. Organic and agroecological agriculture has re-emerged as a more sustainable form of food production, but suffers from the lack of government incentives and agribusiness competition. With this motivation, the study has as object of analysis a group of small producers of organic present in the Kinjo Yamato Market in the center of the capital of São Paulo. The aim of the study was to understand its reality and survival challenges. For development, we opted for exploratory research with a qualitative approach. In the end, it is important to understand the reality of these small producers to promote a more sustainable, through a production cycle from the field to the consumer's table, more sustainable.

Key Words: Organic food producers. Sustainable agriculture. Technological package in agriculture.

INTRODUÇÃO

Com a crescente preocupação global relacionada às questões da sustentabilidade econômica, social e ambiental, também se insere a busca por alimentos saudáveis, livres de substâncias tóxicas obtidos através de meios de produção que não impactem negativamente qualquer uma destas esferas. A produção de orgânicos se faz presente nesse contexto, com impacto em todas essas dimensões. Seja pela inclusão econômica de pequenos produtores, adoção de práticas agroecológicas e valorização dos produtores no campo.(EMBRAPA, 2019).

Entretanto, no Brasil de forma contraditória, o consumo de agrotóxicos e consequentemente a agricultura baseada em uso intensivo de produtos químicos, não para de crescer. De acordo com uma reportagem especial da Câmara dos deputados (2014), o Brasil é recordista mundial no consumo de agrotóxicos desde 2008. Existem inclusive, leis que beneficiam com incentivos fiscais e reduzem a carga tributária sobre os produtos utilizados como pesticidas e agrotóxicos. (MINISTÉRIO DA ECONOMIA,2020).

Com a intenção de combater esse modo de produção, está em andamento uma petição junto ao Ministério Público Federal MPF (2019), para obter a declaração de inconstitucionalidade da legislação que beneficia o uso de agrotóxicos. Dentre as justificativas para essa petição, estão os reconhecidos malefícios causados por estas substâncias. Nessa petição ao MPF são citados diversos problemas de saúde causados pelos agrotóxicos tais como como paralisias, neoplasias, lesões renais e hepáticas, efeitos neuróticos.

Por outro lado, a agricultura sustentável ou orgânica pode ser uma alternativa a esse modelo baseado no uso intensivo de produtos químicos. Estudos como o de Lutzenberger (2001) e Primavesi (2003) demonstram que é possível a produção de alimentos sem o uso intensivo de insumos externos e que, além disso, o uso de pesticida no longo prazo causa empobrecimento e até desertificação dos solos.

É neste contexto que se valoriza a importância de conhecer a realidade dos produtores de orgânicos e contribuir para dar visibilidade aos entraves para seu desenvolvimento. Este estudo tem o propósito de compreender as dificuldades encontradas pelos produtores na comercialização de seus produtos no Mercado Kinjo Yamato, localizado no centro da capital paulista. Neste Mercado encontram-se três bancas, que estão no local há mais de 20 anos, enfrentando ao longo desse período muitas dificuldades, desde as alterações na localização, comercialização da produção e até mesmo incertezas sobre a possibilidade de permanência, em função de processos licitatórios de responsabilidade da Prefeitura Municipal de São Paulo PMSP (2019). Para narrar esta realidade optou-se por uma pesquisa qualitativa através de observação e entrevistas no local.

A motivação para escolha desse tema vem da compreensão de que a gastronomia pode ser um importante instrumento para a valorização de pequenos produtores e de alimentos obtidos de forma sustentável. Identifica-se o papel de profissionais, discentes, docentes e instituições de ensino vinculados ao estudo e práticas da cozinha brasileira, em apoiar processos sustentáveis na gastronomia tal como visto por Vieira e Santos Paes (2018), que apresenta a importância de profissionais da culinária se posicionarem incentivando o plantio de orgânicos, valorizando a agricultura familiar e a implementação de feiras agroecológicas nas cidades.

1- METODOLOGIA

Para a análise deste estudo foi aplicado o método de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, e visita a campo com observações apontadas em diários criados pelo grupo. No entanto, é preciso assimilar a diferença existente entre a abordagem quantitativa e a qualitativa na pesquisa. Enquanto a primeira ressalta dados visíveis e concretos, a segunda aprofunda-se naquilo que não está aparente, “no mundo dos significados, das ações e relações humanas” (MINAYO, 1998). A pesquisa qualitativa permite conhecer com maior profundidade as particularidades de um determinado grupo:

[...] com a pesquisa qualitativa busca-se compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo, permitirem maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comprometimentos ou atitudes dos indivíduos. (OLIVEIRA, 2007, p.117).

Inicialmente, estabeleceu-se um vínculo com os comerciantes para descobrir os principais desafios encontrados no escoamento da produção. Para isso, foram feitos registros fotográficos e entrevistas para analisar como funciona a venda dos produtos nas três bancas ali instaladas.

Duarte (2004) explica que para aplicação de entrevistas e questionários é importante explicitar: razões da escolha do instrumento, os critérios para a seleção dos entrevistados, número e descritivo dos informantes e em que circunstâncias as entrevistas foram realizadas.

Para a fundamentação teórica foi realizada, além das visitas *in loco*, uma pesquisa preliminar bibliográfica e documental realizada nas dependências da Associação dos Agricultores Orgânicos de São Paulo (AAO), que serviu para a identificação dos principais atores e as problemáticas envolvidas com a agricultura sustentável, como também averiguar quem foram os principais pesquisadores sobre o assunto abordado. A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses (CERVO e BERVIAN, 2011).

Neste caso, foi elaborado um roteiro de entrevista que questionava o tamanho das propriedades dos comerciantes, a quantidade de produtos trazidos para os dias de mercado, o envolvimento da família na produção e venda e inclusive, se os produtos eram vendidos para supermercados. Além de questões burocráticas que envolviam a permanência destes dentro do Kinjo Yamato. Estes relatos foram gravados e o conteúdo das entrevistas são enunciados no capítulo da discussão dos resultados.

2 - O PAPEL DA REVOLUÇÃO VERDE E DA AGROECOLOGIA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Desde o surgimento da espécie humana na terra, o homem luta por sua sobrevivência. Uma de suas maiores dificuldades foi a obtenção de alimentos, como caçador ou coletor. A agricultura somente surgiu milhares de anos após o início da vida humana e representou uma profunda mudança nos hábitos alimentares, nas relações sociais e também na interferência pelo ser humano no meio ambiente. Paterniani (2001), esclarece que atividade da agricultura é bastante recente em relação à história da humanidade, há cerca de 10 mil anos plantas começaram a ser cultivadas e domesticadas. A iniciativa, segundo as evidências, coube às mulheres, o que lhes permitiu observar as plantas e desenvolver conhecimentos sobre suas propriedades e, eventualmente, sua reprodução. Assim, a agricultura é uma atividade bastante recente na história da humanidade

A produção de alimentos passou por grandes mudanças e muitas evoluções, principalmente provocadas pelo aumento da população mundial e a crescente necessidade de produção. Essa pressão por aumento de produção e maior disponibilidade de alimentos justificou uma nova forma de produção agrícola, hoje conhecida como agronegócio e que tem como principal direcionador a produtividade e aumento de produção (FGV, 2019). Porém essa busca por maior rendimento da produção nunca foi uma unanimidade. Lutzenberger (2001) afirma que esta busca por crescimento constante teria consequências negativas para o meio ambiente podendo provocar até mesmo desaparecimento de espécies da fauna e flora.

Ao recordar a história das descobertas da humanidade, por vezes pode-se deparar com situações no mínimo contraditórias. Por exemplo, a agricultura surgiu como uma solução para obtenção de alimentos e, hoje, o pacote tecnológico da agricultura é apontado como uma das causas de degradação do meio ambiente, assim como, causa de doenças e problemas de nutrição. Tal como explicado por Primavesi (2003), as monoculturas, introduzidas para permitir a mecanização em grande escala, além de provocar o empobrecimento dos solos, levaria também ao êxodo rural em função da substituição da mão de obra por maquinários, gerando migração de milhões para cidades e formando favelas com todos os seus conhecidos problemas.

A busca pela expansão agrícola foi também motivada pelas dificuldades de produção de alimentos causada pelo período de guerras mundiais. Com o final da II Guerra Mundial em 1945 a grande maioria dos países voltaram a enfrentar problemas como a fome. A compreensão desta realidade foi objeto de estudo de Rosa (1998), ele afirma que após o término da guerra, o mundo experimentou um novo tipo de embate, a chamada Guerra Fria. Este cenário escondia o enfrentamento de duas potências, de um lado os Estados Unidos e de outro a extinta União Soviética, que disputavam a hegemonia mundial. Estes países identificaram, na busca de uma solução para a fome do mundo, uma grande oportunidade de fazer aliados, principalmente, entre países do terceiro mundo, que sofriam com a fome e foram pressionados a apoiar um ou outro lado em troca de ajuda e tecnologia na produção de alimentos.

Compreende-se que a chamada Revolução Verde da Agricultura, teve mais papéis do que ser apenas um conjunto de tecnologias para melhoria da produção de alimentos, sendo utilizada como forma de influência, dominação e formação de dependência econômica e tecnológica.

[...] para os produtores terem acesso aos pacotes tecnológicos, nos países subdesenvolvidos, foi necessária uma ampliação do crédito por meio de convênios intergovernamentais com o objetivo de financiar a importação de insumos e de maquinário agrícola. Tal medida teve um peso muito forte para convencer os produtores a implantarem, em suas propriedades, um manejo de produção com base nos pacotes, favorecendo o surgimento da Revolução Verde. (ROSA, 1998, p.25).

Hoje, essa biotecnologia está cada vez mais presente no mundo, a ponto de ser considerada fundamental para o desenvolvimento econômico mundial. Para alguns autores é essa agricultura a responsável para que, atualmente, o mundo tenha até excesso de alimentos. Como afirma Paterniani (2001), apesar do aumento populacional, se produz alimentos acima da necessidade da população mundial. Entretanto, esse modelo de agricultura vem sendo contestada por seus efeitos no meio ambiente e na saúde da população.

Este pacote tecnológico, conhecido como a “Revolução Verde”, foi lançada para poder utilizar as tecnologias desenvolvidas durante a II Guerra Mundial, abrindo a agricultura para a indústria. Afim de permitir a mecanização do processo produtivo iniciou-se o desmatamento e a exploração dos solos no mundo inteiro, conforme Primavesi (2003), que desde 1970 preocupava-se com a compactação excessiva dos solos, a erosão, as enchentes, as tempestades de poeira e as secas que apareceram com

o uso destas novas tecnologias.

Apesar de estar longe de ser uma unanimidade, e não figurar nas estatísticas do agronegócio, a agricultura orgânica, tem aumentando sua importância na medida em que os efeitos da utilização de agrotóxicos passam a ser mais conhecidos pela população e por organizações que se preocupam com a saúde e o desenvolvimento sustentável.

Atualmente este tema faz parte, por exemplo, de um conjunto de objetivos globais pela sustentabilidade do planeta, apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Um desses objetivos é o de “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável” (ONU, 2015).

No Brasil, o mercado de orgânicos foi regulamentado somente em 2003 e conforme dados da Embrapa (2019) essa regulamentação propiciou um crescimento na comercialização, de cerca de 25% ao ano chegando a movimentar, no país, 3 bilhões de reais em 2016. Além da regulamentação oficial, a existência de organizações não governamentais contribuíram para o reconhecimento e defesa de modelos de agricultura sustentáveis. A Embrapa (2019) reconhece a contribuição e pioneirismo de diversas entidades tais como a Cooperativa Coolmeia, criada em 1985 em Porto Alegre, e a Associação de Agricultura Orgânica de São Paulo, que iniciou em 1991 e está ativa até hoje sendo responsável por uma das grandes feiras orgânicas de São Paulo no Parque da Agua Branca na capital paulista.

Os produtores presentes no Kinjo Yamato fazem parte deste universo e enfrentam diariamente essas contradições que existem no mercado de orgânicos no Brasil e no mundo. De um lado, uma crescente preocupação com as questões de sustentabilidade que valorizam produtos orgânicos, mas também, enfrentando uma concorrência com produtos do agronegócio tradicional. Por exemplo, no que diz respeito a cadeia logística, estes produtores não tem como concorrer em igualdade de condições com os produtos ditos convencionais ou não orgânicos. Toda estrutura de distribuição está voltada para estes últimos, por exemplo os produtos orgânicos nem figuram na lista de cotação de preços do CEAGESP (2020).

Apesar disso, a agroecologia, de acordo com a Embrapa (2019) tem o potencial de alavancar a produção de alimentos de forma sustentável e energeticamente eficiente. Atualmente a preocupação em entender e apoiar produtores agroecológicos tem estado presente nos mais diversos segmentos da sociedade. Em organizações não governamentais reconhecidas como o Slow food (2020), movimento internacional criado na Itália que defende o uso de produtos artesanais, produzidos de forma que respeite tanto o meio ambiente quanto os produtores. E também em políticas governamentais de Países como a Holanda, que entendem a agroecologia como um fator decisivo para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável (REVISTA AGRICULTURAS, 2018).

A agroecologia pode representar uma mudança de paradigma para os diversos segmentos integrantes da cadeia de produção de alimentos, desde os produtores, chefes de cozinha até chegar à mesa do consumidor. Tal como defendido pela Food and Agriculture Organization FAO (2020), organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, que promove o desenvolvimento da agricultura sustentável como estratégia para aumentar a produção e o acesso de todos aos alimentos, ao mesmo tempo em que preserva os recursos naturais.

Percebe-se, portanto, como a questão da produção de alimentos tem sido uma preocupação constante para o ser humano. Desde o início da agricultura de modo artesanal até os dias atuais com o domínio, não sem críticas, do Agronegócio.

3 - OS ALIMENTOS ORGÂNICOS E A CERTIFICAÇÃO

Um dos grandes especialistas internacionais no assunto tratado neste projeto, Altieri (1998), define um produto orgânico como sendo:

[...] produtos provenientes de cultivos com prática da agricultura orgânica. Trata-se de uma forma de condução da atividade agrícola e pecuária, através da adoção de sistemas de produção que, ao contrário dos métodos da agricultura convencional, excluem – ou evitam – o emprego de fertilizantes solúveis e pesticidas químicos nas operações de cultivo (ALTIERI, 1998 p. 110).

Os chamados produtos orgânicos são aqueles cultivados sem qualquer tipo de aditivo químico. Esses produtos chegam para o consumidor, com valor diferenciado dos convencionais, o mesmo se justifica pelo processo de cuidados ao cultivar. Por outro lado, é compensatória, por trazer benefícios a saúde. Em nosso país, vem crescendo a cada dia os adeptos ao consumo de produtos orgânicos, visto que a população vem se preocupando mais com a saúde e qualidade de vida, sendo destinada a produção de orgânicos, em sua maioria, à exportação, pela qualidade e certificação do produto, podendo ser consumidos com confiança.

Alimento orgânico é um produto sem agrotóxicos, que busca forma equilibrada do solo e recursos naturais como plantas, animais, insetos, água etc., mantendo harmonia desses elementos entre si e com os seres humanos. Para se ter um alimento orgânico é preciso obter conhecimentos de diversas ciências como economia, ecologia, agronomia etc., e para o agricultor um trabalho harmonizado com a natureza que oferte alimentos saudáveis para o consumo, e para a natureza, tal como afirma Ormond (2002).

[...] nos últimos anos a biotecnologia vem revolucionando a produção de alimentos. Na agricultura surge uma infinidade de processos produtivos, inovadores, aplicados ao cultivo do campo com finalidades sociais e econômicas. A agricultura convencional, a transgênica, a natural, a orgânica, a biodinâmica, a sustentável, a ecológica, a biológica são alguns nomes utilizados, e cada um deles procura caracterizar a sua produção com um conjunto de conceitos próprios, que incluem desde fundamentos filosóficos, preceitos religiosos ou esotéricos e até a definição do tipo de insumo utilizado, num esforço de diferenciação de processos de produção e de produtos com o objetivo de aumentar a parcela de mercado ou criar novos nichos. (ORMOND et al, 2002, páginas 33 - 34).

A certificação de produtos orgânicos no Brasil teve início nos anos oitenta. As primeiras iniciativas de organização da produção partiram de uma cooperativa de consumidores. Em 1984 foi fundada uma entidade de produtores (ABIO) Associação de Agricultores Biológicos do Rio de Janeiro, que criou as primeiras normas de credenciamento de propriedades em 1986.

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o processo de certificação pelo qual passa estes produtos é que dá a garantia e a confiança necessária aos consumidores para que de fato o consumo seja de um produto de qualidade. A certificação de produtos orgânicos constitui-se numa série de procedimentos estabelecidos e acordados entre agricultores, compradores de produtos agropecuários, comerciantes e consumidores que garantem que bens ou serviços são produzidos de forma diferenciada dos demais. No Brasil, o produtor orgânico deve fazer parte do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos, o que é possível se estiver certificado por um dos três mecanismos: Auditoria, Sistema Participativo de Garantia e Controle Social na venda direta, descritos pela SNA (2019), Sociedade Nacional de Agricultura, a mais antiga instituição do setor agrícola do país:

I-Certificação por auditoria- Concessão do selo SisOrg, que é feita por uma certificadora pública, ou privada, credenciada pelo Ministério da Agricultura obedecendo aos critérios, procedimentos e os requisitos técnicos pelas leis brasileiras. Ainda de acordo com o MAPA, as certificadoras devem garantir que cada unidade de produção e de comercialização certificada cumpra com todas as exigências, durante todas as etapas do Processo de Certificação. Cada unidade produtiva certificada tem que apresentar um apontamento da produção elaborada que permita a obtenção de informações para verificações necessárias sobre a produção,

armazenamento, processamento, aquisições e as vendas. “Conforme Decreto 6323 de 27 de dezembro de 2007” (BRASIL, 2007).

II-Sistema Participativo de Garantia - caracterizam-se pela responsabilidade coletiva dos membros do sistema, que podem ser produtores, consumidores, técnicos e demais interessados, que estabeleçam procedimentos de verificação da produção orgânica dos produtores que compõe o sistema. Para estar legal, um SPG tem que possuir um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC) credenciado junto ao MAPA legalmente constituído que responderá pela emissão do SisOrg. Esta forma de certificação também garante ao produtor o direito de utilizar o selo.” Conforme Decreto 6323 de 27 de dezembro de 2007” (BRASIL, 2007).

III-Controle Social na Venda Direta- a legislação brasileira abriu uma exceção para produtores familiares na obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos, mas exigem que se cadastrem numa organização de controle social, cadastrado em órgão fiscalizador oficial, eles passam a fazer parte do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. O produtor não poderá utilizar o selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica, mas poderá incluir no rótulo ou no ponto de comercialização a expressão: “Produto orgânico para venda direta por agricultores familiares organizados não sujeitos a certificação conforme Lei nº 10831 de 23 de dezembro de 2003” (BRASIL, 2003).

A importância da certificação é a garantia de qualidade do produto e serviço ao consumidor, bem como o respeito das relações sociais, responsável do solo, da água e do ar e dos demais recursos naturais, sem utilização de elementos químicos que prejudique o cidadão e a natureza.

A regularização dos produtos para serem comercializados no País é fundamental. A certificação de qualidade, a origem do alimento orgânico garante acesso ao mercado pela procedência e garantia.

Os produtos orgânicos brasileiros, com exceção dos que se originarem da venda direta por agricultores familiares passaram a ser identificados por meio do Selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica. Esse selo tem por objetivo facilitar ao consumidor identificar os produtos orgânicos, reforçando a garantia, de acordo com os regulamentos técnicos da produção orgânica. O Selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica passou a ser utilizado a partir do ano de 2010.

4 - O ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS

A história do Mercado Municipal Kinjo Yamato, (figura 1), de acordo com o próprio site, tem início no antigo “Mercado Caipira” ou “25 de Março dos produtos hortifrutis”, como era chamado o local antes instalado na Várzea do Parque Dom Pedro e que se tornou conhecido pela comercialização de frutas, legumes e verduras provenientes dos campos onde trabalhavam imigrantes japoneses. Como complemento de renda, esses imigrantes traziam os produtos que sobravam da colheita para vendê-los no centro da capital paulista de maneira informal.

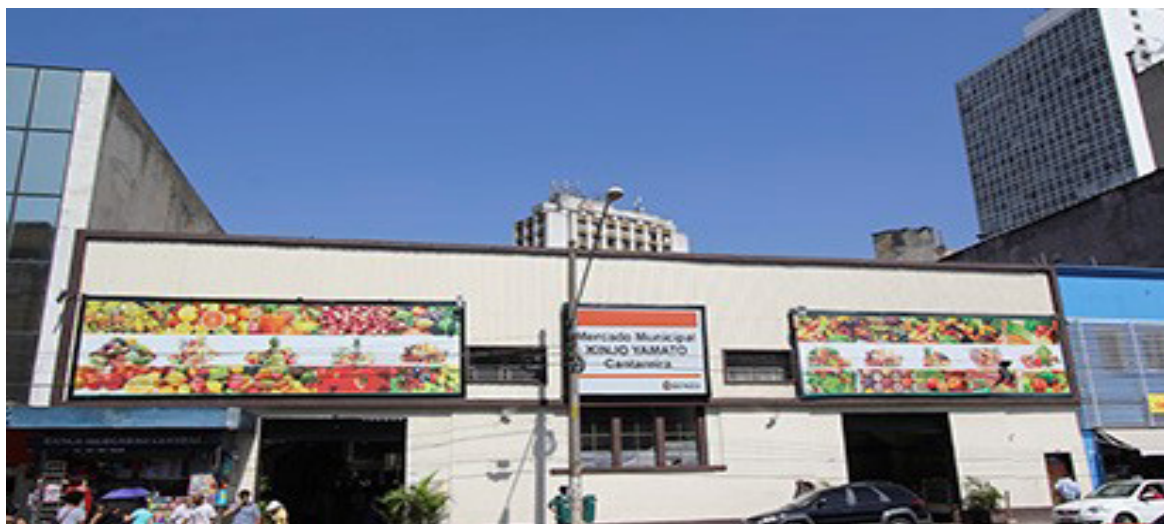
Figura 1. Mapa com a localização © do Mercado Kinjo Yamato (sec. XIX)



Fonte: Manzoni, Francis, 2019

Em 1922 o mercado mudou-se para o número 377 da Rua da Cantareira. De acordo com a história do site o local era utilizado pela *Light* (atual Eletropaulo) como acomodação dos bondes elétricos, que eram os principais meios de transporte no passado. Atualmente, ao visitar o mercado é possível encontrar, ainda bem preservadas as ruas de paralelepípedos. Originalmente a céu aberto, o mercado foi coberto com apoio financeiro dos escoceses. Após alguns anos, na data de comemoração dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil é que o espaço foi batizado de Kinjo Yamato.(figura 2).

Figura 2. Fachada do mercado localizado na Rua da Cantareira



Fonte: Site Mercado (mercadokinjoyamato.com.br)

O Mercado Kinjo Yamato faz parte de uma rede de abastecimento de alimentos da cidade de São Paulo e a maioria dos permissionários ali presentes são considerados revendedores de produtos. Após visitas realizadas *in loco* foi possível observar que existem poucos produtores e comerciantes

de orgânicos, apenas três famílias. Estes produtores que estão no mercado (figura 3) possuem seus locais de produção (figura 4) na cidade de Ibiúna que faz parte do “Cinturão Verde”, reconhecido pela Unesco (1994), como uma área verde de preservação ambiental, responsável pela qualidade de vida da população que habita o seu entorno.

Figura 3. Banca de orgânicos



Fonte: Os Autores (2020)

Figura 4. Área de produção em Ibiúna



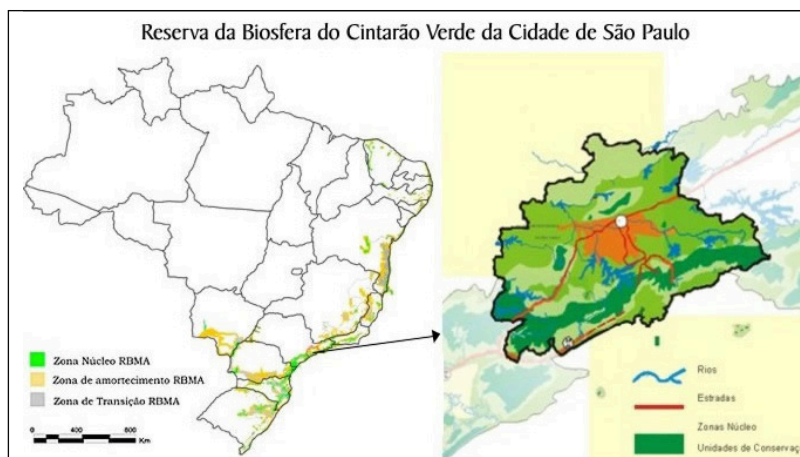
Fonte: Os Autores (2020)

Instituído como Reserva da Biosfera o cinturão verde da cidade de São Paulo (RBCV), envolve 73 municípios e aproximadamente 17.000 km². Conceitualmente, as reservas da biosfera constituem sítios destinados a explorar e demonstrar enfoques da conservação e do desenvolvimento sustentável em escala regional (JAEGGER, 2005).

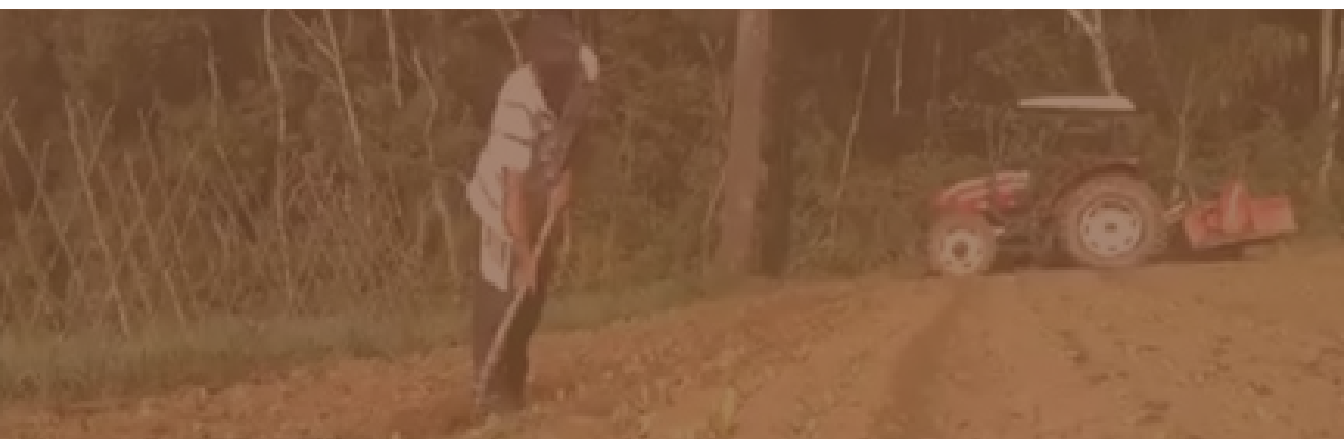
A Reserva (figura 5) que abrange municípios como Arujá, Biritiba, Guararema, Mogi das Cruzes, Ibiúna, Itapetininga, Piedade do Sul e Sorocaba, entre outras é responsável pelo suprimento de centrais

de abastecimentos com hortifrutis e também por assegurar a preservação da qualidade de vida da população. Vale lembrar que a cidade de Ibiúna, uma das integrantes do cinturão verde, é protagonista por ser o local onde estão as propriedades dos comerciantes de orgânicos deste estudo. Constatou-se que a agricultura é a base econômica principal do município e considerada como unidade de proteção ambiental, com reservas legais e áreas de proteção permanente (AHRENS, 2003).

Figura 5. Reserva da Biosfera Cinturão verde de São Paulo



Fonte: site (http://www.rbma.org.br/mab/unesco_03_rb_cinturao.asp)



5 - DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Esta pesquisa foi conduzida ao longo de 2019, tendo se iniciado com uma visita exploratória ao Mercado Kinjo no mês de abril. A partir daí foram feitas observações para entender a dinâmica de funcionamento das bancas, sua relação com consumidores e assim conhecer um pouco mais de sua rotina. No mês de julho de 2019 também visitou-se os locais de produção, principalmente para entender a logística para trazer a produção de Ibiúna até o centro de São Paulo. No mês de setembro foram realizadas e gravadas as entrevistas que auxiliariam no entendimento do problema. Após a transcrição dos áudios foi criada uma tabela descritiva (tabela 1) com as respostas das questões abertas, aplicadas na ocasião da visita ao mercado.

Tabela 1. Entrevista com os produtores de orgânicos do mercado Kinjo Yamato

Descrição das entrevistas realizadas com Produtores de orgânicos do Mercado Kinjo				
	Tempo de mercado	Motivos para venda de orgânicos	meios de distribuição	Dificuldades
Produtor 1	20 anos	<ul style="list-style-type: none"> - Financeiro; - respeito ao meio ambiente; - cooperação com a saúde dos consumidores. 	<ul style="list-style-type: none"> - “firmas maiores” que revendem aos supermercados; - restaurantes e feiras como Parque Água Branca. 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de incentivos governamentais; - fluxo de Caixa para compra de insumos; - cooperação para redução de impostos; - burocracias e incertezas em relação à permanência no Mercado Kinjo.
Produtor 2	17 anos	<ul style="list-style-type: none"> - financeiro; - saúde dos consumidores - propriedade de família que já comercializava orgânicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Pequenas redes de supermercados; - Restaurantes - Mercado Kinjo Yamato 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de incentivos governamentais; - transporte; - burocracias e incerteza em relação à permanência no Mercado Kinjo. - preconceito com produtos orgânicos
Produtor 3	17 anos	<ul style="list-style-type: none"> - financeiro; - Saúde dos consumidores - Respeito ao meio ambiente - família envolvida na produção 	<ul style="list-style-type: none"> - Mercado Kinjo Yamato - Parque Água Branca (SP) 	<ul style="list-style-type: none"> - falta de incentivos governamentais; - burocracias e incerteza em relação à permanência no Mercado Kinjo. - Desvalorização dos produtos em relação aos vendidos em supermercados

Fonte: Os autores (2020)

A partir dessas observações e entrevistas pode-se descrever os produtores da seguinte forma: As três bancas no Mercado Kinjo, cuja produção localiza-se em Ibiúna, integram o Cinturão Verde e são propriedades familiares de até trinta e cinco hectares, produzem há cerca de vinte anos, comercializam em feiras e diretamente para alguns restaurantes e “firmas maiores” que compram dos produtores para comercializar junto a supermercados. Já foram produtores de agricultura convencional e deixaram de produzir dessa forma por questões econômicas e de saúde. Possuem certificação formal como produtores orgânicos. Todos afirmaram que do ponto de vista econômico a agricultura orgânica é muito mais rentável, principalmente por que não ficam dependentes de grandes varejistas.

Identifica-se que suas principais dificuldades estão relacionadas à falta de incentivo do governo quando comparado com os benefícios concedidos aos agricultores convencionais. Entre outros benefícios o Governo Federal tem reduzido a taxa de impostos sobre os agrotóxicos. Eles também afirmam não terem linhas de financiamento específico e dependem de sua própria capacidade para manter um fluxo de caixa que lhes permita comprar insumos. Reclamam das taxas e impostos e comparam com as isenções de impostos para aquisição de agrotóxicos. Têm uma grande Incerteza em relação à permanência no Mercado Kinjo, pois uma nova licitação para permissionários exigirá permanência diária. As bancas de orgânicos comercializam apenas aos sábados. Além disso, sentem falta de um maior conhecimento dos consumidores em relação aos produtos orgânicos. Salientam a diferença de sabor, textura e benefícios à saúde.

Contestam que os produtos orgânicos sejam sempre mais caros. Alguns produtos, quando pesquisados em feiras podem ser encontrados pelo mesmo valor ou até menor. Durante as visitas observou-se alguns preços de produtos tais como: tomate (R\$ 10,00/kg), abobrinha (R\$ 10,00/kg), alface (R\$ 3,00/kg), cenoura (R\$ 4,00/kg), Mandioca (R\$ 5,00/kg), brócolis (R\$ 5,00kg). Sem a pretensão de representar uma pesquisa de preço, mas pode-se comparar com produtos convencionais no próprio Mercado Kinjo e com outros preços praticados em mercados bastante semelhantes.

CONCLUSÃO

Os dados disponíveis sobre a produção de orgânicos no Brasil ainda são incompletos. As informações mínimas como, por exemplo, um cadastro de produtores de orgânicos no site do Ministério da Agricultura são difíceis de ser obtidas de forma acurada. Mesmo instituições como a Organics, revelam dificuldade em saber o número certo de produtores orgânicos no Brasil. Isso ilustra a necessidade de mais estudos sobre a produção de orgânicos com ênfase no conhecimento da realidade e dificuldades dos produtores. Do ponto de vista conceitual, as bibliografias demonstram que a agricultura orgânica e agroecológica são viáveis, porém para que fosse disponível para a maior parte da população necessitaria de políticas públicas voltadas para esse fim. Em alguns países como a Holanda a produção agrícola sustentável já é uma realidade, porém no Brasil, a agricultura baseada no pacote tecnológico é dominante, como pode ser acompanhado através das recentes notícias publicadas na imprensa (GLOBO, 2019) sobre a liberação de novos agrotóxicos no país os mesmos que já foram proibidos na União Europeia.

Por outro lado, compreende-se que é possível produzir sem o uso de agrotóxicos desde que os produtores tenham consciência desses processos produtivos e os consumidores de seus benefícios. A agricultura orgânica poderia ser mais rentável que a baseada no pacote tecnológico, como comprovam estudos da Universidade de Washington (REGANOLD e WACHTER, 2016). Essas pesquisas demonstram que a agricultura orgânica poderia ser capaz de satisfazer todas as necessidades alimentares do mundo e que fazendas orgânicas têm potencial para produzir altos rendimentos pela capacidade mais elevada de retenção de água nos solos cultivados sem agrotóxicos.

Com programas governamentais de incentivo a produção orgânica a oferta poderia ser muito ampliada, pois os produtos não são necessariamente mais caros, dependem de pesquisa, tecnologia, local de compra e sazonalidade.

Por fim, aponta-se que, também a gastronomia poderia ser um meio de conscientização de chefs, restaurantes e consumidores para fortalecimento dessa cadeia de produção, incentivando a agricultura familiar e assim contribuindo para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável em todos os seus aspectos, econômico, social e ambiental. Ao finalizar esse trabalho obteve-se a informação de que, infelizmente, esses três produtores foram retirados dos locais onde faziam a comercialização de seus produtos no Mercado Kinjo Yamato e até a conclusão dessa pesquisa, eles ainda não tinham informações precisas para onde e quando seriam realocados.

REFERÊNCIAS

AHRENS, S. **A prática da fruticultura, o código florestal e o acesso aos mercados**. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE FRUTICULTURA DE CLIMA TEMPERADO, 6., 2003, Fraiburg. Anais... Caçador: EPAGRI, 2003. p. 138-145.

ALTIERI, Miguel (1998). **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Mecanismos de controle para a garantia da qualidade orgânica**. Brasília: Mapa/ACS, 2009. LEI nº 10831 de 23 de dezembro de 2003. DECRETO nº 6323 de 27 de dezembro de 2007.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/444200-brasil-e-o-maior-consumidor-mundial-de-agrotoxicos/> acessado em 18 de março de 2020.

CEAGESP, 2020. **Cotações – Preços no Atacado**. Disponível em: <http://www.ceagesp.gov.br/entrepastos/servicos/cotacoes/#cotacao> acessado em 15 de abril de 2020.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. Edição. 4. Reimpressão. 2009.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

EMBRAPA, 2019. **Agricultura orgânica no Brasil: um estudo sobre o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1108738/1/5058.pdf> acessado em 16 de março de 2020.

EMBRAPA, 2020. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos** Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1108738/1/5058.pdf> acessado em 10 de março de 2020.

FAO, 2020. **FAO no Brasil**. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/programas-e-projetos/pt/> acessado em 10 de junho de 2020.

FGV, 2019. **Agronegócio**. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/publicacao/agronegocio> acessado em 15 de abril de 2020.

GLOBO, 2019. **Governo acelera liberação do uso de novos agrotóxicos no país**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/28/governo-acelera-liberacao-do-uso-de-novos-agrotoxicos-no-pais.ghtml> acessado em 09 de setembro de 2019.

IBAMA, 2019. **Relatório de Comercialização de Agrotóxicos**. Disponível em <https://www.ibama.gov.br/relatorios/quimicos-e-biologicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos#boletinsanuais>. Acessado em 15 de abril de 2019.

JAEGER, Tilman. Nuevas perspectivas para el programa MAB y las reservas de Biosfera. **Lecciones aprendidas en América**, 2005.

LUTZENBERGER, José A. O absurdo da agricultura. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 61-74, 2001.

MANZONI, Francis. **Mercados e feiras livres em São Paulo: 1867 – 1933**. Edições Sesc São Paulo 2019.

MINAYO, M.C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020. **Convênio ICMS 100/97**. Disponível em: https://www.confaz.fazenda.gov.br/legislacao/convenios/1997/CV100_97 acessado em 20 de março de 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020. **Ação Direta de Inconstitucionalidade contra os benefícios tributários aos agrotóxicos** Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/eventos/audiencia-publica/audiencia-publica-isencao-fiscal-de-agrotoxicos/JooAlfredo.pdf> acessado em 15 de março de 2020.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**: Pioneira, 2007.

ONU, 2015. **Fome zero e agricultura sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods2/> acessado em 10 de março de 2020.

ORGANIS. **Panorama do consumo de orgânicos no Brasil 2019**. Disponível em: <https://organis.org.br/pesquisa-consumidor-organico-2019/> acessado em 20 de novembro de 2019.

ORMOND, JGP; de PAULA, SRL; FAVERET F, P e ROCHA, LTM. Agricultura Orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, mar 2002).

PATERNIANI, Ernesto. Agricultura sustentável nos trópicos. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 303-326, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2019. **Concessão - mercado municipal paulistano e do mercado kinjo Yamato**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/projetos/desestatizacao/mercados/index.php?p=284604> acessado em 12 de abril de 2020.

PRIMAVESI, Ana. Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água. **Biológico, São Paulo**, v. 65, n. 1/2, p. 69-73, 2003.

REGANOLD, John P.; WACHTER, Jonathan M. Organic agriculture in the twenty-first century. **Nature plants**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2016.

REVISTA AGRICULTURAS, 2018. **Agroecologia camponesa na Holanda** Disponível em: http://aspta.org.br/files/2018/04/34_37_Holanda.pdf acessado em março de 2020.

ROCHA, Luciana Thibau. **Agricultura Orgânica: Quando o passado é futuro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.]

ROSA, Antônio Vítor; FURLAN, Sueli Angelo. **Agricultura e meio ambiente**. Atual, 1998.

SLOW FOOD, 2020. **Manifesto Slow Food**. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/manifesto> acessado em março de 2020.

SNA, 2020. **Manual de Certificação de Produtos Orgânicos**. Disponível em: <http://www.organicnet.com.br/certificacao/manual-certificacao/> acessado em 19 de agosto de 2019.

VIEIRA, Luciana Gomide; DOS SANTOS PAES, Cristiane Cataldi. **Comer é um ato político: análise das estratégias divulgativas na obra “Todas as sextas” de Paola Carosella**. In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.